

A VELHICE E O CORPO: RELAÇÕES POSSÍVEIS NA REINVENÇÃO DE UMA DEMARCAÇÃO CRONOLOGICA

PINTO, Fernanda – UFCG

(donnafernanda@hotmail.com)

Este trabalho tem o objetivo de mostrar um projeto de monografia que está em andamento onde se pretende analisar como a velhice é experienciada no corpo historicamente, considerando a forma que a cultura ocidental compreende o envelhecimento humano e o lugar histórico que reservou para o corpo envelhecido. Para isso trarei uma discussão sobre: o crescimento da população idosa no mundo e o aumento da produção científica acerca do envelhecimento; sobre as mudanças ocorridas na sociedade em virtude do aumento da longevidade e as medidas tomadas pelo Estado nos últimos anos para atender a essa “nova” demanda de consumidores e cidadãos. A história Oral tem me trazido o suporte necessário para o desenvolvimento desse trabalho, onde o ponto de partida é a análise de entrevistas feitas com pessoas (com 60 anos ou mais) que falam sobre a relação do envelhecimento e a auto-aceitação corporal ao longo dos anos que definem um jogo de possibilidades sobre a reinvenção de formas de envelhecer.

Palavras- chave: Corpo envelhecido; Entrevistas com idosos; Reinvenção.

A VELHICE E O CORPO: RELAÇÕES POSSÍVEIS NA REIVENÇÃO DE UMA DEMARCAÇÃO CRONOLOGICA

Fernanda Pinto
Graduanda em História- UFCG-PB
(donnafernanda@hotmail.com)

"Todos desejam viver por muito tempo, mas ninguém quer chegar a ser velho".

Simone de Beauvoir

O aumento da proporção de idosos na população é um fenômeno mundial tão profundo que muitos chamam de "revolução demográfica". No último meio século, a expectativa de vida aumentou em cerca de 20 anos. Se considerarmos os últimos dois séculos, ela quase dobrou. E, de acordo com algumas pesquisas, esse processo pode estar longe do fim.

Para se compreender a adequação das previsões sobre os limites da expectativa de vida, é necessário levar em conta que o crescimento mundial na expectativa de vida tem duas componentes principais: uma devida ao aumento da qualidade de vida da população idosa e outra devida à diminuição da mortalidade infantil.

A primeira componente deve-se a diversos fatores interligados, como o aumento da renda média em vários países, melhoria nas condições de educação, evolução da qualidade sanitária, inovações na medicina geriátrica etc.

A segunda, a diminuição da mortalidade infantil, acontece porque a expectativa de vida é calculada através de médias sobre toda a população, de forma que uma alta mortalidade infantil pode "puxar" o índice para baixo. Isso pode causar enormes distorções - segundo dados da edição de 2001 do Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (PNUD). A principal razão para o aumento na expectativa de vida foi, até a década de 1950, a diminuição da mortalidade infantil. Entretanto, a partir daquela época, o responsável principal foram melhorias na condição de vida depois dos 65 anos. Atualmente, segundo a ONU, a mortalidade infantil encontra-se em 86 mortes antes dos 5 anos para cada mil habitantes,

mas a distância entre os países mais e menos desenvolvidos é dramática: 10 por mil para os primeiros e 95 por mil para os últimos. No Brasil, é de 49 por mil (na América Latina, 45).

O resultado de tudo isso é um aumento sensível na quantidade de idosos na população mundial. Em nível mundial, a população com mais de 65 anos aumentou de 5,2% em 1950-55 para 6,9% em 2000, um aumento de 33% nesse índice (gráficos 3 e 3a). É nos países mais desenvolvidos onde o fenômeno é mais agudo: com 7,9% de idosos em 1950-55, hoje 14,3% da população tem mais de 65 anos, um aumento de 81% - enquanto, nos menos desenvolvidos, o aumento foi de 31% (de 3,9% em 1950-55 para 5,1% em 2000). O Brasil não fica muito longe dos países desenvolvidos: aqui, a proporção de idosos aumentou em 70% de 1950-55 para 2000 (de 3% para 5,1%).

Esse processo de envelhecimento demográfico repercutiu e continua repercutindo nas diferentes esferas da estrutura social, econômica, política e cultural da sociedade, uma vez que os idosos, da mesma forma que os demais segmentos etários (crianças, jovens e adultos), possuem demandas específicas para obtenção de adequadas condições de vida. Tais demandas fizeram da velhice tema privilegiado de investigação nas distintas áreas de conhecimento, elevando substancialmente o volume de obras publicadas nos últimos tempos.

Em 1970 Simone de Beauvoir, filósofa francesa, denunciava a "conspiração do silêncio" ou o descaso com que era tratada a velhice naquela época. O interesse sobre o tema do envelhecimento acentuou-se significativamente nas últimas décadas, e mesmo não dispondo de estatísticas específicas, pode-se inferir que inúmeras foram as obras publicadas. Vários são os motivos que podem ser atribuídos a esse notável interesse pela pesquisa sobre o envelhecimento, porém o que me parece mais contundente é sem dúvida o aumento da expectativa de vida dos seres humanos, algo que parece simples, mais tem causado grande reboição na comunidade científica.

Minha pesquisa se dará a partir do momento em que a velhice passa a ser delimitada não mais pelas transformações fisiológicas, mas por um advento social, a aposentadoria, na qual o indivíduo passa pela transposição da categoria de trabalhador para ex-trabalhador; de produtivo para improdutivo; de cidadão ativo para inativo. É quando observa-se um processo de generalização da aposentadoria, que, de acordo com

Salgado (1997), (...) *cria um princípio de identidade para a velhice, definindo esse tempo da vida pela inatividade.*

Para melhor compreender esse estudo é relevante explicitar que a ruptura com o mercado do trabalho tem menos relação com uma base biológica conectada ao avanço da idade, do que com uma forma de estrutura social de produção, de demanda e distribuição de postos de trabalho. A aposentadoria, conforme Salgado (1997), (...) *decreta funcionalmente a velhice, ainda que o indivíduo não seja velho sob o ponto de vista biológico (...) é uma forma de produzir a rotatividade de mão-de-obra no trabalho, pela troca de gerações.*

A questão da velhice é entendida como uma construção social, em que os recortes de idade e a definição de práticas legítimas associadas a cada etapa da vida não são compreendidos como conseqüências de uma evolução científica marcada por formas cada vez mais precisas de estabelecer parâmetros no desenvolvimento biológico humano (Debert, 1998). Parte-se do pressuposto que é a sociedade/cultura que estabelece as funções e atribuições preferenciais de cada idade na divisão social do trabalho e dos papéis na família. Segundo essa autora, essas atribuições são, em boa parte, arbitrárias, porque nem sempre se firmam em uma materialidade ou em uma cronologia de base biológica quanto às reais aptidões e possibilidades, mas são reconstruídas em um tempo social essencialmente dinâmico e mutável.

O livro de Àries (1978), *A história social da família e da criança*, exemplifica bem esse processo de construção social das categorias de idade, ao mostrar que a criança, como categoria, não existia na Idade Média. Ao analisar o processo de sua "inserção social" a partir do século 13, Àries (1978) demonstrou que (...) *a noção de infância desenvolveu-se pouco a pouco, ao longo dos séculos, e só gradualmente a criança passou a ser tratada como um problema específico. Roupas e maneiras adequadas, jogos e brincadeiras e outras atividades passaram a distinguir de maneira radical a criança dos adultos.*

No mesmo sentido, Elias (1990), em seu estudo intitulado *O processo civilizador: uma história dos costumes*, delineou as condições estabelecidas pela modernidade, as quais contribuíram para a construção da imagem do adulto como um ser independente e de emoções controladas nesse período. Em outros termos, a

conjuntura social moderna ideologicamente voltada para valorização do indivíduo e do seu agir orientado pela razão, orientou todo o conjunto de atitudes e comportamentos por meio do que passou a ser possível distinguir e identificar a categoria de adultos no contexto da modernidade.

Tanto Beauvoir (1976) quanto Bosi (1983) concluíram em suas obras que, em relação à velhice, a sociedade formula uma série de clichês baseados no fato de que, quando se considera o homem idoso um objeto da ciência, da história e da sociedade, procede-se a sua descrição em exterioridade, isto é, o idoso é descrito pelo outro e não por ele próprio. Entretanto, advertiu Beauvoir (1976), ele é (...) *um indivíduo que interioriza a própria situação e a ela reage*. Esse fato encerra a velhice em uma pluralidade de experiências individuais que impossibilita retê-la em um conceito ou noção ao investigá-la, deixando ao alcance do pesquisador somente a possibilidade de confrontar as diferentes experiências de envelhecimento umas com as outras, e a tentativa de identificar as constantes e determinar as razões de suas diferenças.

O Estado, atendendo a essa nova configuração da sociedade, também cria seus mecanismos de apoio, como é o caso do Estatuto do Idoso, onde o direito ao respeito e ao auxílio é garantido pela lei, é no Estatuto que vemos uma redefinição do cuidar: os pais tem a obrigação e responsabilidade perante o Estado de cuidar dos seus filhos até que eles alcancem autonomia, e de acordo com a nova lei, os filhos tem essa mesma responsabilidade com os seus pais, até que os mesmos venham a óbito. Aos idosos sem filhos o Estado age como tal e a criação da aposentadoria também se encaixa nesse “mecanismo de cuidado estatal” em relação ao idoso.

O idoso não é apenas uma categoria, um grupo. É antes de mais nada um ser humano, dotado de paixões, sentimentos e desejos. É um produtor e reprodutor da sua sociedade. Tendo essa certeza em mente é que decidir-me pesquisar em especial a cultura do corpo perfeito, o “idoso em forma”, que tanto é explorado pela mídia.

Há corpos mitificados, velhices perfeitas, onde os efeitos, na subjetividade contemporânea, do que já se convencionou chamar de “culto ao corpo ”ou “cultura somática ” (em oposição à cultura psicológica, hegemônica até poucas décadas atrás) faz com que uma medicalização da beleza surja.

Esse fenômeno fez com que o corpo se tornasse, mais que um objeto de desejo, um objeto de design. Hoje ele é “personalizável” por meio de práticas de ascese corporal como o fisiculturismo e a dietética; de tecnologias médicas como cirurgias plásticas, próteses e intervenções farmacológicas; e de modificações radicais em sua anatomia, que incluem amputações voluntárias. Isto porque o corpo, como tela em que projetamos nossos ideais de eu – nosso cartão de visitas na rede de relações sociais –, é o último reduto em que os indivíduos se sentem capazes de reinventar-se. Mas – sempre incerto – esse corpo inserido na cultura tem aspectos paradoxais. Por um lado, é supervalorizado, como aquela parte do real para a qual nos voltamos em busca de alguma certeza numa era de fluidez e fragmentação simbólica. Por outro lado, como precisa atender aos anseios contemporâneos de mutação constante, o corpo se revela obsoleto: seus limites podem e devem ser superados pelas tecnologias de “aperfeiçoamento” da natureza. Portanto, o corpo é ao mesmo tempo cultuado e desprezado, e esse aumento da atenção e do controle produz uma incerteza maior a seu respeito.

(Francisco Ortega)

Esse artigo é um ensaio monográfico, nele não descrevi as entrevistas feitas com idosos sobre sua percepção sobre seus próprios corpos. O uso da História Oral serviu como preenchimento de lacunas que a pesquisa bibliográfica me deixou. Acredito que ela seja necessária para que a sociedade participe das produções científicas, é uma forma de experienciar e embasar a pesquisa em fatos concretos que possam ir além das suposições teóricas.

Em visitas ao asilo São Vicente de Paula, tive contato com muitos idosos, a maioria deprimida pela suas incapacidades e limitações. A solidão, a separação da família, o descaso dos parentes que na maioria das vezes nunca os visitam, a falta de privacidade existente na maioria dos asilos, as brigas internas, a proibição do relacionamento entre homens e mulheres e as péssimas condições de acomodação são motivos mais que suficientes para fazerem esses idosos sentirem dores, que muitas vezes não se explicam na medicina, mas que quase sempre terminam em depressão e morte. Em contrapartida, as visitas feitas em grupos de convivência de idosos que ainda possuem certa autonomia nas suas escolhas e tarefas cotidianas, pude observar que a percepção de corpo, corporeidade são bastante diferentes, são realidades distintas.

Revistas e filmes e comerciais de TV pregam velhices paradoxais, ora os idosos aparecem muito tristes, ora exacerbadamente alegres, malhando, falando e fazendo coisas de adolescentes.

Ao ler o artigo do jornalista Paulo Nogueira (Revista Época, edição de 28 de Abril de 2008, p.71), fiquei surpresa em encontrar palavras de incentivo ao exercício mental no lugar do físico para amenizar os sinais da velhice. Não que eu seja contra o exercício físico, mas é que o envelhecimento atinge o nosso corpo todo, então a mente entra nesse processo também, aliás, só a análise do que esse processo faz com nossas mentes daria para superar em quantidade o que foi queimado em Alexandria (em 272, na administração de Aureliano).

A leitura, a continuidade no trabalho, o envolvimento social, a participação ativa nas decisões da família, as discussões e conversas com amigos (ou não) são indicados para que a mente continue sã e o corpo funcione de forma agradável, dizem alguns especialistas em envelhecimento. O problema da aceitação da “velhice sem cortes” está em uma afirmação que é dita quase sempre de forma velada: a velhice é feia!

É feia por que há uma altíssima valorização da imagem num culto a juventude, os anos 70 trazem além de uma indústria de produtos para jovens, uma cultura de busca a adolescência corporal, rugas, cabelos brancos (ou a falta deles!) e limitações físicas são um atraso. Mostrar sinais da decomposição do corpo é como fraquejar. É feia por que a mídia produz modelos de beleza que devem ser seguidos, as rugas não fazem parte dessa projeção.

É feia porque os limites do corpo revelam que nem tudo pode ser comprado, que o corpo é um lugar de deslocamentos, de metamorfoses e acima de tudo, é feia por que mostra ao homem que ele possui um corpo, e que esse corpo não o pertence, é parte dos anseios coletivos. As pessoas analisam os seus corpos pelo olhar do outro e não pelo seu próprio bem estar.

Vida longa, é o desejo de muitas pessoas, mas envelhecer... não! O corpo não pode espelhar os sinais do tempo, é como uma dor, Norbet Elias em A Solidão dos Moribundos, retrata bem esse mal estar, de ter na velhice e na doença o reflexo da incapacidade diante da falibilidade do corpo, da possibilidade da morte.

“Já me pediram pra botar Botox, mas eu não ponho! Demorei anos para ter esta cara, esta expressão. Não ponho Botox!” diz Ana Paula Arósio, atriz de 32 anos, na mesma edição da revista que Paulo Nogueira escreve. Ela diz que o rosto que tem hoje mostra a idade dela, quem ela é, e que se mudar não será ela. O problema está bem ai,

nessa frase: ser quem é. Se para a atriz ser plenamente quem é consiste justo na não modificação do seu corpo em virtude do efeito do passar dos anos, para outras pessoas isso não é uma realidade.

O Botox representa uma projeção, na modificação estão mais que mudanças no corpo, no físico, estão mudanças que trarão satisfação, aceitação, realização (ao menos uma tentativa), prazer, é a busca da felicidade. Ninguém aplica Botox pra buscar a infelicidade, mas na bula desse “remédio” não tem garantias de felicidade e tão pouco de realização pessoal, quem o compra pode estar levando pra casa um “frasco de ilusão”. O corpo perfeito não funciona em todos os lugares.

Analisar a velhice será sempre um desafio, pois há diversas formas de velhice, não podemos esquecer que a forma pejorativa que ela é vista denota muito mais uma luta de classe que de geração, o lugar ocupado pelo idoso na família, quase sempre está ligado ao controle econômico do lar. É obvio que há descontinuidades, existem sim idosos que mesmo possuindo grande poder econômico são menosprezados por seus familiares.

Alimentar a mente é mais vantajoso para o corpo, mas o discurso que cerca os meios de comunicação, o cotidiano e consecutivamente o ideário das pessoas diz outra coisa, que vivemos na ditadura do corpo, um corpo socialmente aceitável é o ingresso para um mundo cheio de símbolos e Cícero não vai passar, durante muito tempo, de um filósofo grego, que escreveu sobre envelhecer.

A busca por uma identidade, um lugar no meio dos mais jovens, é também uma forma de auto-defesa que os idosos encontram para lutarem contra a rejeição que Elias denuncia. Conviver bem com os idosos é mostrar que aceitamos nossa futura e provável condição, é claro que não estou aqui assumindo papel de nenhuma entidade pró-idoso, sei bem que algumas dessas pessoas (o que é normal, tendo em vista que sua situação física não altera seu caráter) não respeitam as mais jovens, por acharem que merecem serem servidos e respeitados a qualquer custo. Não estou aqui levantando uma bandeira pacifista, mas sim uma análise do comportamento situacional da sociedade, que somos nós, sobre viver e conviver com grupos possuidores de especificidades e principalmente, grupos que refletem uma nova forma de viver nessa sociedade repleta de dilemas, crises e completamente líquida."

O envelhecimento é um processo natural, universal, irreversível e individual. Para cada caso, há uma nova forma de sentir, imaginar e viver esse momento. O auto-conhecimento e a aceitação são imprescindíveis a essa fase da vida. Cada um deve saber

o que é melhor no cuidado de si. É necessário estar atento à nova realidade dos idosos e entender que uma velhice ativa é comum, mas que não podemos condenar os idosos que optam por envelhecer de formas diferente, seja desacelerando seus hábitos, ou buscando alternativas para continuarem ativos, eles tem direito de escolher o tipo de vida que vão levar e a sociedade(nós!) *“precisa aceitar os novos modos de envelhecer, pois eles refletem a imagem de um espelho. Porque é o nosso olhar que aprisiona muitas vezes os outros nas suas pertencas mais estreitas e é também o nosso olhar que tem o poder de os liberta”*, de acordo com Malouf (1998). Durante as entrevistas a primeira e mais contundente constatação que pude fazer é que a construção de uma identidade perpassa também por uma (des)construção de um corpo socialmente aceitável, não importando a idade.

Referencias Bibliográficas

PHILIPPE, Àries. *História social da criança e da família*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1978.

BEAVOUIR, Simone. *A velhice: realidade incômoda*. (2ª ed.). DIFEL, São Paulo, 1976.

BOSI, Eclea. *Memórias e sociedade: lembranças de velhos*. T. A. Queiroz, São Paulo, 1983.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1999

ELIAS, Norbet. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1990.

HADDAD, E. G. M. *O direito à velhice: os aposentados e a previdência social*. Ed. Cortez, São Paulo, 1993.